
CRITÉRIOS PARA A DEFINIÇÃO DE OBRAS RARAS

Rizio Bruno Sant'Ana

RESUMO: Discute-se a adoção de critérios de raridade em bibliotecas. Para tanto, são analisados os critérios, muitas vezes antagônicos, adotados por colecionadores e por diversas instituições públicas. Em seguida, são estudadas as normas presentes nos principais códigos de catalogação de obras raras, incluindo textos recentemente disponibilizados na Internet. Finalmente, são estudados mais detalhadamente vários textos, encontrados nos catálogos de obras raras das bibliotecas brasileiras, bem como os critérios adotados na Biblioteca Mário de Andrade, da Prefeitura Municipal de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Obras raras; Critérios; Bibliotecas públicas; Colecionadores de livros.

ABSTRACT: The author analyzes the adoption of criteria for the definition of rare books in libraries, studying the criteria adopted by book collectors and many public institutions. After that, we studied the main cataloging codes for rare books, including texts recently in the Internet. Finally, some texts, found in catalogues of rare books of the Brazilian libraries are studied more at great length, as well as the criteria adopted in the Mário de Andrade Public Library of São Paulo.)

KEY-WORDS: Rare books; Criteria; Public libraries; Book collectors.

O conceito de obra rara está mais ligado ao livro, mas pode incluir também os periódicos, mapas, folhas volantes, cartões-postais e outros materiais impressos. Fotografias, manuscritos, gravuras e desenhos são obras únicas e originais, e portanto não recebem esta denominação de obra rara; devem receber, no entanto, o mesmo cuidado dispensado às obras raras em relação à preservação e conservação. Neste texto, as palavras “livro” e “obra” são algumas vezes empregadas indistintamente, no sentido de caracterizar qualquer material impresso. De qualquer forma, as obras raras devem ser consideradas como um aspecto específico de um conjunto maior, que seriam as coleções especiais, dentro das bibliotecas.

De acordo com o senso comum e a maioria dos dicionários, o livro raro é aquele difícil de encontrar, invulgar, diferente do livro comum. A palavra raro significa também algo valioso ou precioso; uma obra rara seria portanto qualquer publicação incomum, difícil de achar, e com um valor maior do que os livros disponíveis no mercado.

O livro raro seria “*assim designado por ser detentor de alguma particularidade especial (conteúdo, papel, ilustrações), ou por já serem conhecidos poucos exemplares*”, segundo as autoras do **Dicionário do livro**¹. Da mesma forma, para Martínez de Sousa, é um “*libro que por la materia de que trata, el corto número de ejemplares impresos o conservados, su antigüedad u otra característica o circunstancia se convierte en una excepción.*”²

O uso de critérios de raridade, para criar uma distinção entre as obras valiosas e as demais, tanto por parte de bibliotecas como entre colecionadores, prende-se ao fato de que as obras raras merecem um tratamento

diferenciado, devido à dificuldade na obtenção dos exemplares e a seu alto valor histórico e monetário. Parte-se do princípio de que a obra rara é mais difícil de ser reposta, caso desapareça; do mesmo modo, uma obra valiosa é sempre mais visada, merecendo um cuidado maior quanto à segurança do acervo onde está depositada.

Em termos bibliográficos, podem ser considerados valiosos os aspectos ligados ao livro enquanto objeto físico ou enquanto meio de transmitir informações e novas visões de mundo (tanto literárias como científicas). Desta forma, o livro seria um representante factual da história do conhecimento, ou seja, um documento verdadeiro do desenvolvimento cultural e social da humanidade.

Existe, todavia, uma quase total divergência entre os pontos de vista dos colecionadores e dos responsáveis por bibliotecas públicas especializadas na guarda de livros raros, quanto à definição do que seja uma raridade bibliográfica. Embora ambos reconheçam o valor histórico de uma obra antiga ou de um clássico da literatura, em geral os colecionadores não se prendem à antigüidade de uma obra para sua caracterização como rara, utilizando este termo mais como sinônimo de algo valioso. As bibliotecas, por sua vez, referem-se à data como um dos principais critérios de raridade, reconhecendo na obra a sua possibilidade de uso e não o simples valor monetário.

EXEMPLARES ÚNICOS

Para os colecionadores, são por vezes pequenos fatores acidentais que na verdade criam os livros raros, fazendo com que obras que poderiam ser consideradas comuns venham a ser muito procuradas, pela dificuldade de localização dos exemplares. Há inúmeros exemplos, inclusive do século XX: o primeiro volume da terceira edição da **História geral do Brasil**, de Varnhagen, impresso em 1907, teve sua tiragem quase inteiramente destruída em um incêndio na editora Laemmert, no Rio de Janeiro; os poucos exemplares sobreviventes são tão ou

¹ FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico, etc. Lisboa: Guimarães, 1988. p.209.

² MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Diccionario de bibliología y ciencias afines**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Piramide, 1989. p.468.

mais raros quanto os da primeira edição, de 1854. Da mesma forma, por um simples erro tipográfico (a troca de uma letra no texto de apresentação), a segunda edição das **Poesias completas** de Machado de Assis, publicada em Paris pela Garnier, em 1902, é muito mais valiosa e procurada que a maioria de suas outras obras.

A importância maior de uma obra recai, para estes colecionadores, no objeto livro, que deve ser único ou existir em pequeno número e precisa estar em perfeitas condições de conservação. Isto significa manter, mesmo quando encadernado, a capa da brochura original, com o texto íntegro, sem falhas, e com as páginas limpas, sem manchas e furos devido à ação de insetos ou do tempo. Quanto mais perfeito estiver o exemplar, mais valor alcançará no mercado livreiro. Marcas de propriedade (ex-libris, carimbos, anotações e autógrafos do autor e/ou do possuidor da obra) ou outras indicações que individualizem o exemplar, quando realizadas por pessoas de renome, podem até aumentar o valor de uma obra, mesmo se a cópia estiver em mau estado de conservação.

Neste caso, deveríamos inclusive dizer que se tratam de “exemplares” raros e não “obras” raras, já que o conceito raro não se aplica a toda a edição (ou ao conteúdo textual da obra), mas sim apenas a uma determinada cópia individual. Conforme Félix Pacheco, *“as diferenças de custo originam-se quasi sempre do estado de conservação do volume, das peculiaridades da encadernação, ou de certos atributos de procedencia, que às vezes concorrem muito para valorizar o exemplar.”*³

Rubens Borba de Moraes complementa: *“Nem todos os exemplares de uma obra rara valem o mesmo preço. O valor de um livro antigo depende do estado em que se encontra, da encadernação que o veste ou de alguma particularidade que o exemplar apresenta. [...] se*

*o exemplar está, como é comum no Brasil, verdadeiramente rendado de furos, então não é digno de um bibliófilo, nada vale para um colecionador.”*⁴

Na verdade, o interesse e a procura pelos exemplares existentes é que estabelecem o preço de venda e fazem com que os livros venham a ser considerados valiosos e, conseqüentemente, raros. Segundo ainda Rubens Borba,

*“Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso.”*⁵

É discutível a afirmação de que as bibliotecas públicas estão cheias de livros antigos e sem interesse, já que neste caso o valor não pode ser apenas monetário, e um pesquisador que procura uma obra específica sabe muito bem quanto vale o esforço de encontrá-la em uma biblioteca, à sua disposição. O próprio Rubens Borba, aliás, reconhece a importância de *“um exemplaire de travail”*, dizendo: *“Fará a felicidade de um erudito, em vez de se tornar o desespero de um bibliófilo”*. De qualquer forma, fica claro que para os colecionadores o valor da obra está ligado ao interesse que desperta, como aliás acontece também com o mercado de artes. Neste sentido, Leny Cordeiro afirma:

“Na opinião autorizada dos bibliófilos, os elementos que fazem com que livros possam se tornar raros são o assunto da obra, a tiragem dela e a procura dos

³ PACHECO, Felix. **O valor imenso da bibliotheca brasiliense do Dr. J. Carlos Rodrigues**: Collecção Cristiano Ottoni, da Bibliotheca Nacional; posto em relevo pelos ultimos catalogos de venda na Europa. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1930. p.5.

⁴ MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas. 3.ed. Brasília: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998. p.83 e 89.

⁵ MORAES, op. cit., p.65.

*leitores. Livros antigos não são necessariamente raros. Obras sobre teologia publicadas no século XVI, por exemplo, são pouco procuradas, e por isso baratas.”*⁶

No prefácio à **Bibliografia brasileira do período colonial**, Rubens Borba comenta, ao descrever a raridade das obras citadas:

*“Na sua grande maioria os livros descritos neste trabalho são raros, muitos, raríssimos, alguns, praticamente ‘inacháveis’. Não julguei pois necessário repetir constantemente êsses adjetivos que aguçam tanto a gula dos colecionadores. Fica entendido que a maioria das obras aqui mencionadas é rara, isto é, não se encontra com frequência no mercado de livros antigos.”*⁷

Concordando com este conceito, Ana Maria de Almeida Camargo diz que *“a obra rara nada mais é do que aquilo que o sentido do atributo indica, isto é, a obra difícil de encontrar.”*⁸ Logo depois, a autora comenta: *“Ao contrário do que muitos pensam, a velhice não faz, por si só, a raridade de um livro. Páginas rotas, amareladas, e encadernações em pedaços têm o efeito de diminuir o possível valor de um livro antigo.”* Ou seja, a raridade está diretamente ligada ao valor do livro no mercado. Discutindo a questão da primeira edição, Camargo escreve:

“As primeiras edições são, freqüentemente, mais raras que as subseqüentes. A afirmação é válida tanto para os livros antigos como para os contemporâneos, o que nos

leva a questionar o critério puramente cronológico para demarcação de um acervo de obras raras nas bibliotecas públicas, como é costume.”

Como vemos, existiria por parte das bibliotecas públicas, de acordo com a autora, a utilização de um critério *“puramente cronológico”* na indicação das raridades de seus acervos. Este conceito será analisado posteriormente, ao se discutir o ponto de vista das bibliotecas. O próprio Rubens Borba confirma a valorização de alguns livros antigos como raros, quando no prefácio à segunda edição de sua **Bibliographia brasiliiana** (reunião de livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900) ele explica:

*“Nesta edição revista, há mais ênfase nas entradas de livros dos séculos XVI, XVII e XVIII do que de livros publicados no século XIX, quando a produção cresceu. Como os livros se tornaram mais facilmente acessíveis, publicações deste último período ficam fora do escopo de uma bibliografia sobre livros raros.”*⁹

Ou seja, deste ponto de vista, os livros antigos são raros porque são menos acessíveis, e portanto mais difíceis de serem localizados. A valorização das primeiras descrições do Brasil, mais do que confirmar a raridade de uma obra antiga, está ligada à própria arte de colecionar, tanto que o índice desta **Bibliographia brasiliiana** apresenta a palavra *First* como um dos assuntos, indicando para colecionadores e pesquisadores os livros que primeiro trazem uma determinada ilustração ou informação relacionada ao Brasil.

De qualquer forma, deve-se estar sempre atento às possíveis mudanças de avaliação, com o passar do tempo, no caso de livros raros. Segundo nos informa mais uma vez

⁶ CORDEIRO, Leny. O livro como raridade. **Arte Hoje**, Rio de Janeiro, v.1, n.7, p.8-12, jan. 1978.

⁷ MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial**: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808. São Paulo: IEB, 1969. p.xvii.

⁸ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Obra rara**: critérios para definição. São Paulo, 1992. p.1. (Trabalho apresentado na Mesa Redonda *Obra rara: critérios para definição, política de preservação e mercado*, realizada na Biblioteca Mário de Andrade em 8 de outubro de 1992. Mimeo.)

⁹ MORAES, Rubens Borba de. **Bibliographia brasiliiana**: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by brazilian authors of the colonial period. Rev. and enl. ed. Los Angeles: University of California; Rio de Janeiro: Liv. Kosmos, 1983. v.1, p.[xxiii].

Rubens Borba, nesta mesma obra, “*O que Inocêncio considera livro comum e sem valor literário é hoje procurado e raro, os autores, que não incluiu no seu Dicionário por julgá-los sem interesse, são hoje objeto de leitura e estudo.*”¹⁰

OS LIVROS ANTIGOS

Os responsáveis por bibliotecas e outras instituições públicas que guardam livros considerados raros não utilizam, em geral, o valor de mercado ou a dificuldade de localização de um dado exemplar como o principal argumento para a determinação do que seja uma obra rara, mas sim a importância histórica do livro e do seu conteúdo.

Um dos motivos para que isto aconteça é a falta de uma política consistente de aquisição de obras raras pelas bibliotecas brasileiras. Embora algumas instituições (em geral, bibliotecas universitárias) tenham adquirido nos últimos anos grandes coleções de livros de bibliófilos já falecidos (na sua maioria antigos pesquisadores ou professores), a compra de exemplares específicos em leilões ou livrarias especializadas é feita quase que exclusivamente por colecionadores.

Estas bibliotecas adquirem as coleções pelo seu valor de conjunto, ou seja, mais pela possibilidade de criar novas áreas de pesquisa do que pela importância de alguma obra em particular. Deste modo, a compra de obras raras fica quase sempre condicionada à sua presença ou não dentro das coleções. Infelizmente, nem mesmo estas aquisições garantem a posterior utilização do acervo, como aconteceu com a biblioteca que pertenceu a José Honório Rodrigues.¹¹

Ao mesmo tempo, as bibliotecas, como locais de pesquisa, naturalmente tendem sempre a valorizar o aspecto histórico da obra ao avaliar a sua importância. Se um livro antigo for considerado raro, por exemplo, e estiver

em más condições de conservação, deverá ser preservado e eventualmente restaurado, o que inclui muitas vezes o trabalho de microfilmagem ou duplicação fac-similar, para evitar a constante manipulação do original.

Neste sentido, a “desvalorização” do original, em termos mercadológicos, devido ao seu mau estado de conservação ou à sua duplicação, não retira de uma obra a condição de raridade bibliográfica. Para estas instituições, a definição do que é uma obra rara passa necessariamente pela análise histórica dos aspectos ligados ao modo como os livros foram produzidos, independente da quantidade de exemplares existentes ou de seu valor de mercado. Conforme Martínez de Sousa, “*sin embargo, la rareza no es, bibliofílicamente, un criterio absoluto de valor: algunos libros comunes pueden alcanzar cotas altas, mientras que otros relativamente escasos pueden venderse a precios no elevados.*”¹²

Durante quase 350 anos, no período que vai de Gutenberg até o final do século XVIII, todos os livros foram produzidos praticamente do mesmo modo. A quantidade de livros produzidos sempre foi muito grande, e apenas nos primeiros cinquenta anos de impressão, até 1500, houve uma produção estimada em dez milhões de incunábulo, em toda a Europa. Mesmo podendo existir vários exemplares de cada título (calcula-se que foram impressos mais de 29 mil títulos, com uma tiragem média de 300 exemplares por edição), bibliotecas e outras instituições públicas consideram todos os incunábulo como livros raros, não importando seu valor de mercado. A concepção que prevalece neste caso é a da raridade enquanto valor histórico.

Deste ponto de vista, um livro antigo carrega em si mesmo as marcas da sua forma de produção artesanal, servindo como um documento representativo dos processos utilizados na época para a transmissão de informações. Assim, a própria estrutura do livro (sua forma de encadernação, tipo de

¹⁰ MORAES, Bib. bras. período colonial, p.viii.

¹¹ GRAIEB, Carlos. Acervos raros são alvo de descaso e desrespeito. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 maio 1996. p. D-3.

¹² MARTÍNEZ DE SOUSA, op. cit., p.468.

papel usado, ilustrações, etc.) é uma rica fonte de informações sobre o modo de se pensar a cultura de um determinado período da história, levando à conclusão de que todas as obras publicadas de forma artesanal devem ser preservadas como raras.

Devido à forma manual da impressão de livros, podiam existir diferenças entre os exemplares de uma edição, pois erros de tipografia detectados durante o trabalho de impressão eram corrigidos apenas nas próximas cópias. Da mesma forma, uma dada tiragem podia apresentar dois ou mais exemplares distintos, os chamados “estados” da tiragem. O papel usado nesta época também era produzido manualmente, em folhas individuais, usando principalmente trapos de linho e algodão.

Com as novas invenções que revolucionaram a tipografia, no início do século XIX, como a máquina de fabricar papéis de Nicolas Robert, aperfeiçoada por Fourdrinier em 1803, as rotativas de impressão off-set e a linotipo, e com o uso da força motriz a vapor, a utilização da polpa da madeira na fabricação do papel e as novas reproduções fotomecânicas de ilustrações, as editoras passaram a automatizar a produção do livro. A uniformização na publicação de livros não só aumentou incrivelmente a quantidade de exemplares disponíveis por edição, como fez com que todas as cópias de uma mesma edição passassem a ser idênticas entre si. Deste momento em diante, como já vimos, as únicas diferenças possíveis serão devidas às características individualizantes de algum exemplar em particular.

Como reação a esta forma de produção, desde o final do século XIX pequenas editoras passaram a publicar obras utilizando papéis artesanais, ilustrações artísticas ou novos tipos de letras. Destacam-se, neste contexto, as produções de William Morris, *designer*, arquiteto e poeta inglês que criou a *Arts and Crafts Society* visando a revalorização do trabalho artesanal em várias áreas, como um desdobramento de seu ideal socialista. Morris criava novos tipos fundidos manualmente para imprimir os textos, usando sempre papéis

artesanais em suas publicações, feitas através da editora Kelmscott, fundada por ele em 1891 e que deu início às modernas *private press* existentes atualmente em diversos países.¹³

Já no século XX, ficaram famosos os livros de arte produzidos por Picasso, Matisse e Miró, entre outros, trazendo gravuras originais assinadas pelos autores. Existem, aliás, vários exemplos de livros recentes, produzidos para serem considerados raros (e que são também chamados de livros de luxo ou artísticos), com uma tiragem bem reduzida, usando gravuras exclusivas e informando que as matrizes serão inutilizadas após a impressão.

AS NORMAS DE CATALOGAÇÃO

Baseadas nesta distinção entre livros artesanais e industrializados, as normas de catalogação utilizadas por bibliotecas definem como raros todos os livros publicados até 1801, independente do número de exemplares existentes. Obras mais recentes, principalmente quando publicadas de forma artesanal, também podem merecer uma catalogação especial, de acordo com a política da instituição.

Entre os manuais de catalogação, distinguem-se a segunda edição das **Anglo-American Cataloging Rules** (conhecidas como AACR2), o **International Standard Book Description**, principalmente a parte relativa a material antigo, o ISBD(A), e mais recentemente o **Descriptive Cataloging of Rare Books**, também chamado de DCRB.

O DCRB, publicado em 1991, é a segunda edição revista do **Bibliographic description of rare books**, editado pela Library of Congress em 1981 para servir de norma de catalogação de suas obras raras, em complementação ao AACR2. Logo no início deste texto, quando são determinados o escopo e os propósitos do trabalho, é dito que

“Estas regras (...) indicam instruções para a catalogação de livros

¹³ FEATHER, John. **A dictionary of book history**. London: Routledge, 1986. p.152.

impressos, folhetos e publicações de uma folha, cuja raridade, valor ou interesse torna uma descrição especial necessária ou desejável. Elas são especialmente apropriadas para aquelas publicações produzidas antes da introdução da impressão por máquinas no século XIX. Todavia, elas podem ser usadas na descrição de qualquer livro, particularmente aqueles produzidos manualmente ou por métodos que dão continuidade à tradição do livro feito à mão. (...) Esta regras podem tanto ser aplicadas de forma categórica aos livros, baseado na data ou lugar de publicação (por exemplo, todos os livros ingleses ou norte-americanos impressos antes de 1801), como ser aplicadas seletivamente, de acordo com a política administrativa da instituição.”¹⁴

A nota 2, nesta mesma página, confirma: “A *Library of Congress* aplica esta regra de forma consistente aos livros publicados antes de 1801, enquanto geralmente aplica o AACR2 às publicações posteriores.”

A obra que acompanha o DCRB tem o título de **Examples to accompany Descriptive Cataloging of Rare Books** e foi publicada pelo Bibliographic Standards Committee of the Rare Books and Manuscripts Section da ACRL/ALA em Chicago, em 1993. Entre os exemplos apresentados, estão algumas obras dos séculos XIX e XX, como demonstração de obras recentes tratadas como raras (livros de tiragem limitada ou com marcas de propriedade).

Estes dois manuais de catalogação, aliás, estão a merecer uma tradução brasileira, realizada preferencialmente por um grupo de trabalho reunindo bibliotecários especializados no manejo de obras raras, nos moldes daquele grupo responsável pela tradução e adaptação do AACR2 para uso de nossas bibliotecas.

Outro texto bastante importante sobre esta questão é o **Guidelines on the selection of general collection materials for transfer to special collections**, publicado pela Seção de Obras Raras e Manuscritos da American Library Association, em Chicago. Este guia indica quais as políticas a serem adotadas nos procedimentos de seleção e transferência de obras raras de coleções gerais para acervos especiais, listando as principais características a serem consideradas para a definição de obras raras. Em relação à data de publicação do material bibliográfico, é dito que

“Quanto mais tempo um item tiver sobrevivido, mais valioso em termos de preservação ele se torna, pois um item antigo passa a ser um dentre um número decrescente de testemunhas de seu próprio tempo. (...) Há uma crescente concordância quanto à proteção, nas mesmas condições, de todos os materiais impressos antes de 1801, não importando sua forma ou condição.”¹⁵

Complementando este quadro, será lançado em breve nos EUA o **Descriptive Cataloging of 19th-Century Books**, que deverá ser utilizado para a catalogação das obras do século XIX. Este período estava como que em suspenso entre os dois principais códigos de catalogação, pois o DCRB é destinado primariamente para os materiais pré-1801, e o AACR2 para os materiais do século XX em diante. Além disso, com o início da chamada era industrial na tipografia, a partir de 1825, mudaram muito os métodos de impressão, ilustração, encadernação, etc., e houve uma maior separação entre as funções de impressor, editor e livreiro, aumentando a importância de uma catalogação específica para este tipo de material.

Atualmente, encontram-se disponíveis na Internet, entre outros, os seguintes guias para auxiliar na catalogação de obras raras:

¹⁴ WASHINGTON. Library of Congress. **Descriptive cataloging of rare books**. 2.ed. Washington, 1991. p.1.

¹⁵ ACRL/RBMS Ad Hoc Committee for Developing Transfer Guidelines. **Guidelines on the selection of general collection materials for transfer to special collections**. Chicago: ACRL, 1990. 4 p.

ISBD(A):

<http://www.ifla.org/VII/s13/pubs/isbda.htm>

DCRB:

<http://www.tlcdelivers.com/tlc/crs/rare0170.htm>

DC19:

<http://www.library.yale.edu/~mtheroux/19c>

AACR2, 1999 amendment:

<http://www.ala.org/editions/updates/aacr2/aacr299print.html>

Guidelines:

<http://www.ala.org/acrl/guides/sel-tran.html>

Existem, portanto, padrões internacionais de definição do que seja uma raridade bibliográfica que se valem do princípio de que todos os livros publicados de forma artesanal merecem ser considerados raros. Assim, a utilização do limite da data de publicação como um critério de demarcação não é feita por uma questão “puramente cronológica”, como havia sido dito anteriormente, mas está baseada em um fato historicamente dado, qual seja, a mudança na tecnologia dos meios de produção. Como foram vários os aperfeiçoamentos durante o tempo, por motivos de simplificação esta data foi estabelecida como sendo o ano de 1801.

Entretanto, os responsáveis por bibliotecas públicas ou outras instituições mantidas pelo Estado não devem identificar uma obra como rara levando em conta apenas seu caráter histórico ou cronológico. Cada instituição que mantém acervo de obras raras precisa criar uma política própria para a definição das características particulares que os livros devem possuir para que sejam considerados raros, como consta inclusive do texto anteriormente citado.

Para que se possa garantir a correta indicação da raridade de uma obra, faz-se necessário tanto uma análise detalhada do livro (incluindo o estudo de sua importância histórica e literária, a verificação do número de exemplares conhecidos e o registro de marcas que individualizem o exemplar) quanto o conhecimento da política específica da biblioteca para a preservação de suas obras.

Existe, por fim, a possibilidade de se ter dois níveis de raridade: um nível mais estrito, reservado para aquelas obras que são raras em qualquer parte do mundo (publicadas até certa data, restando um número pequeno de cópias, com um valor monetário alto), e das quais se poderia indicar como raro qualquer exemplar existente, e um segundo nível mais amplo, para os exemplares de obras com aspectos particulares, de interesse específico de uma biblioteca, reunindo por exemplo as obras autografadas, apresentando ex-libris ou com encadernações artísticas.

ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE RARIDADE EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Em 1989, a Biblioteca Nacional publicou um folheto¹⁶ que listava 64 catálogos de bibliotecas brasileiras, dos quais vinte e um publicados durante o século XIX e quarenta e três catálogos de obras raras produzidos no século XX. A análise de alguns destes catálogos mostra que, na sua maioria, os responsáveis pela publicação destas obras de referência não indicam quais foram os critérios de raridade utilizados ou qual a política da instituição nesta área. Em geral, são incluídas obras brasileiras e estrangeiras dos séculos XIX e XX, sem uma justificativa precisa dos motivos que levaram a esta inclusão.

Os primeiros catálogos publicados não trazem nenhuma indicação dos critérios de raridade utilizados, como é o caso do **Catálogo de obras raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade**, de 1969. O catálogo da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, de 1972, indica “*algumas das obras raras ou valiosas que a Biblioteca Pública do Estado possui*”. Noah Moura, responsável pela pesquisa e compilação deste catálogo, afirma:

“Não pretendemos apresentá-lo sem falhas técnicas ou de julgamento.”

¹⁶ RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional. **Catálogos brasileiros de obras raras**: publicados por bibliotecas e instituições brasileiras. Rio de Janeiro, 1989. 12f.

Como sabemos, o conceito de raridade, sendo relativo ao tempo e ao espaço, é passível de interpretações quanto ao equilíbrio de valores intrínsecos e bibliográficos, deixando, portanto, de ser absoluto.

Igualmente, coletamos as obras que devem figurar em nosso 'inferno', por compreender a utilidade ocasional destes livros, como marcos sempre vivos da linguagem, do espírito e dos hábitos de uma época.”¹⁷

São listadas 46 obras dos séculos XVI a XVIII, 71 obras do século XIX e 30 obras do século XX ou do *Inferno* (depósitos especiais de antigas bibliotecas que guardavam, em geral, obras eróticas ou censuradas), que reúne, na sua maioria, obras publicadas neste século. Mesmo sem apresentar uma definição mais clara do que sejam obras raras, é um dos melhores catálogos brasileiros, muito bem organizado e apresentando extensa pesquisa bibliográfica.

Publicado em 1981, o catálogo **Obras raras na Biblioteca do Ministério da Justiça**, de responsabilidade de Neuma Pinheiro Gonçalves e Maria Cristina de Lima, apresenta 1.215 obras do acervo da Biblioteca de Affonso Penna Junior e é mais preciso nas indicações de critérios de seleção:

- obras de autores brasileiros e estrangeiros editadas até 1860;
- primeiras edições;
- segundas edições até 1889;
- edições de luxo;
- edições com tiragem aproximada de 300 exemplares;
- obras autografadas por autores renomados;
- obras de personalidades de projeção política, científica, literária e religiosa;
- teses;

- obras abonadas de próprio punho ou reunidas em coletâneas por Affonso Penna Junior.”¹⁸

A simples menção de “primeiras edições” ou “teses” não implica claramente na noção de obra rara, pois estas podem ser obras recentes, de autores sem renome ou de fácil localização, no caso de teses de grandes universidades. Por sua vez, muitas das obras só aparecem listadas aqui como sendo raras porque pertenceram a Affonso Penna Junior, não possuindo nenhuma característica intrínseca de raridade bibliográfica.

De um ponto de vista mais estrito, portanto, tais obras poderiam ser chamadas de especiais e não raras, mas deve ser levado em conta o aspecto da política da instituição, que determinou como um dos critérios o fato destas obras terem pertencido a um bibliófilo.

Por sua vez, o **Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna**, de Belém do Pará, indica que “o levantamento abrange publicações datadas até 1850”. Dentre várias fontes bibliográficas utilizadas para indicação de raridade, é citada especificamente o **Trésor des livres rares et précieux**, de Jean Théodore Graesse, quando se informa o seguinte:

“Ressalta-se que, no desenvolvimento dos trabalhos do PLANOR, uma obra apenas mencionada no 'Graesse', mesmo sem citação de raridade é considerada rara. O Catálogo arrola 166 obras raras dos séculos XVII-XIX, acompanhadas de citações de raridade e/ou importância histórica, recuperadas nas fontes consultadas, assim como um aparato referencial, que fornecerá ao pesquisador fontes específicas sobre a raridade da obra.”¹⁹

¹⁷ RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Pública. **Catálogo de obras raras ou valiosas da Biblioteca Pública do Estado**. Porto Alegre: Globo, 1972. s.p.

¹⁸ BRASIL. Ministério da Justiça. **Obras raras na Biblioteca do Ministério da Justiça**. Brasília, D.F.: Secr. Documentação e Informática, 1981. p.5.

¹⁹ PARÁ. Biblioteca Pública Arthur Vianna. **Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna: séculos XVII-XIX**. Belém: Secr. Estado da Cultura, 1989. p.13.

Novamente, aparecem aqui obras que não seriam consideradas raras num sentido mais rigoroso do termo. Obras publicadas em países europeus após 1801, por exemplo, não são consideradas raridades absolutas, dependendo de uma análise posterior, que levará em conta a sua forma de produção (artesanal ou industrial), tipo de papel e ilustração utilizados e quantidades de exemplares existentes. No entanto, a utilização de diversas fontes, consultadas para a realização da pesquisa e citadas após as referências bibliográficas, denota o uso cuidadoso de um subsídio importante neste tipo de trabalho.

TEXTOS SOBRE CRITÉRIOS DE RARIDADE

A análise de obras mais específicas sobre critérios e definições de raridades mostra que os textos quase sempre tentam reunir livros raros com outros que poderiam ser chamados de especiais, e onde a distinção de data algumas vezes não fica muito clara.

No texto de Ana Virginia Pinheiro sobre o estabelecimento de critérios de raridade apontam-se, entre outras, as seguintes características de obras que podem ser consideradas raras:

“1 limite histórico:

1.1 todo o período que caracteriza a produção artesanal de impressos (...) do século XV, princípio da história da imprensa, até antes de 1801, marco do início da produção industrial de livros.

1.2 todo o período que caracteriza a fase inicial da produção de impressos em qualquer lugar – por exemplo, o século XIX, quando foram publicados os primeiros ‘incunábulo’ brasileiros, com a criação da Imprensa Régia. (...)

2 aspectos bibliográficos dos volumes produzidos artesanalmente, independente da época de publicação (...).

3 valor cultural:

3.1 edições limitadas e esgotadas, especiais e fac-similares, personalizadas e numeradas,

críticas, definitivas e diplomáticas (...).

3.4 edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas (...).

4 pesquisa bibliográfica:

4.1 nas fontes de informação bibliográficas (...);

4.2 nas fontes de informação comerciais, que vão avaliar, em espécie, cada unidade bibliográfica – o preço passa a ser indicador de ‘raridade’.

5 característica do exemplar – referindo-se àqueles elementos acrescentados a unidades bibliográficas em período posterior a sua publicação:

5.1 marcas de propriedade (...);

5.3 dedicatórias de personalidades famosas e/ou importantes”.²⁰

Embora os itens 1 e 2 englobem aquilo que é em geral considerado raro, nos outros itens aparecem obras que dependerão da análise de cada caso, para uma correta indicação de raridade. Por exemplo, quanto ao valor cultural, não é qualquer exemplar em fac-símile que pode ou deve ser considerado raro, nem mesmo todas as edições críticas ou definitivas.

Da mesma forma, a citação de uma obra em uma fonte bibliográfica importante ou um famoso catálogo de leilão não é garantia de que a obra seja rara. A advertência final, inclusive, diz que

“cada bibliófilo estará livre para escolher, a despeito das bibliografias – que apresentam diferentes julgamentos de valor indicativo – as obras que correspondem ao seu espírito, ao seu humor, e, por tudo o que foi dito, à sua sensibilidade, na formação de uma coleção de obras raras” (grifo no original).

²⁰ PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. **Que é livro raro?**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989. p.29-32.

Esta é uma afirmação por demais abrangente para poder servir de base para uma política de seleção e desenvolvimento de uma coleção significativa de livros raros, dentro de uma biblioteca pública, servindo mais para alguns colecionadores que queiram criar um acervo de interesse específico.

De todo modo, a política da instituição que guarda um acervo considerado raro deverá ditar os limites daquilo que for merecedor de uma proteção maior, e estas obras deverão ser armazenadas junto às raras, mesmo que objetivamente não pertençam a este grupo. Neste sentido, todos os materiais bibliográficos especiais merecem os cuidados de preservação que as obras raras recebem.

No livro **Segurança em acervos raros**, preparado pelo Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro, a questão do que seria uma obra rara é colocada desta forma:

“Mas, o que é uma obra rara? Que critérios são empregados para se qualificar uma obra de rara, internacionalmente?”

- *Primeiras impressões (século XV e XVI), onde estão incluídos os incunábulos (...).*

- *Impressões dos séculos XVII e XVIII, até 1720 (na Biblioteca Nacional. Pode variar de acordo com a biblioteca).*

- *Edições de tiragens reduzidas, isto é, poucos exemplares disponíveis no mercado, não importando a data.*

- *Edições especiais (por exemplo, as edições de luxo para bibliófilos).*

- *Edições clandestinas (não oficiais).*

- *Obras esgotadas.*

- *Exemplares de coleções, com encadernações luxuosas ou belas, carimbos e ex-libris (...).*

- *Exemplares com anotações manuscritas de importância, incluindo dedicatórias.”*²¹

Quanto aos livros brasileiros, a distinção que se faz é a seguinte:

“No Brasil, a produção gráfica se desenvolveu, principalmente, a partir do Segundo Reinado; por isso, o Arquivo Nacional considera raros os livros publicados até 1889 localizados na Seção de Publicações Oficiais e Biblioteca. Para efeito de localização na Seção de Obras Raras, a Biblioteca Nacional considera raros os livros publicados no Brasil até 1850.”

São dadas também outras indicações de raridade:

“Os incunábulos locais – primeiros livros impressos numa determinada cidade – também devem ser observados. Naturalmente, outros critérios podem ser estabelecidos, de acordo com os interesses próprios da instituição, ou do colecionador. De qualquer forma, devemos ressaltar o valor do apoio bibliográfico para o estabelecimento de critérios, como consultas a bibliografias, catálogos especiais, conhecimento de história do livro e outras fontes de informação e referência, como o usuário, por exemplo.”

Estes critérios estão melhor definidos do que os anteriores, limitando melhor o que deve ser considerado como uma obra rara. Não é feita menção à questão do livro enquanto artefato manual, mas a indicação de obras em tiragens reduzidas ou com poucos exemplares disponíveis no mercado aponta para a forma como esta questão é encarada pelos colecionadores, por exemplo.

É de se notar, todavia, que a fixação da data de 1850 para obras raras, como é feita na Biblioteca Nacional, exclui todos os impressos publicados na Província do Amazonas, que só ganhou uma imprensa a partir de 1852, em Manaus, ou na Província do Paraná, que inicia a edição de obras apenas em 1854, após sua separação de São Paulo. Nestes casos, de qualquer forma, existe a possibilidade de se tratar estas obras como “incunábulos locais”.

²¹ GRUPO de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro. **Segurança em acervos raros**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994. p.11-12.

A indicação de consulta a bibliografias e catálogos especializados é muito importante, mas, como se diz no texto, trata-se de um apoio para o estabelecimento dos critérios, e não de uma norma a ser rigidamente seguida. É importante também ressaltar a lembrança dos interesses próprios da instituição na definição destes critérios, que todavia deverão se ater principalmente aos aspectos históricos e de valor cultural da obra para caracterizá-la como rara.

A presença de um ex-libris, por exemplo, só será significativa se a política de seleção da instituição determinar que todas as obras da coleção que pertenceu a um antigo bibliófilo deverão ser mantidas reunidas no mesmo espaço; mesmo assim, é preferível chamar esta coleção de especial e não de rara.

Um bom exemplo de critérios próprios de identificação de obras raras e especiais aparece no texto escrito pelo grupo de trabalho criado na Universidade Federal Fluminense para realizar a identificação de possíveis obras raras existentes no acervo geral da biblioteca daquela instituição. Este texto

“visa oferecer elementos que possibilitem a identificação, reunião, tratamento e manutenção desse acervo valioso, já existente ou por existir, nas coleções da UFF, destinando-se, principalmente, a profissionais que atuem nas suas bibliotecas.

Pretende definir normas e procedimentos técnicos, além de propor recomendações que poderão contribuir para identificação e manutenção das obras raras e/ou valiosas do acervo geral da UFF.”²²

É importante a preocupação com o acervo “já existente ou por existir”, que indica a intenção de utilizar os critérios como uma norma para identificação de futuras aquisições. Estes critérios são acompanhados de pequenas notas

explicativas do motivo de sua inclusão. Aparecem as seguintes indicações (aqui transcritas sem as notas):

- “Serão consideradas obras raras e/ou valiosas:*
- até o século XVIII*
- brasileiras do século XIX*
- edições princeps*
- 1^{as} edições*
- preliminares*
- texto definitivo*
- críticas*
- especiais*
- apreendidas, suspensas ou recolhidas*
- repudiadas pelo autor*
- clandestinas*
- ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores*
- UFF*
- editoras fluminenses*
- autores fluminenses*
- Rio de Janeiro*
- clássicos em todos os ramos da atividade humana*
- obras consagradas, no ensino da UFF*
- premiadas*
- traduções/tradutores*
- esgotadas/não reeditadas*
- fac-similares”*

É feita também uma lista de itens para identificação de “exemplares raros e/ou valiosos” e “peças raras e/ou valiosas”, que incluem as seguintes categorias:

- “- com dedicatórias manuscritas dos autores*
- autografados pelos autores*
- com dedicatórias e/ou autógrafos importantes*
- com anotações importantes*
- com marcas de propriedade: assinaturas, nomes, iniciais, ex-libris, carimbos, brasões, etc.*
- que, comprovadamente, pertenceram a personalidades importantes*
- o de tiragem especial em edições comuns*
- os que contenham ilustrações especiais feitas por artistas ou personalidades importantes*

²² NITERÓI. Universidade Federal Fluminense. Núcleo de Documentação. **Documentos raros e/ou valiosos:** critérios de seleção e conservação. Niterói, 1987. 35p.

- *com encadernações de luxo, curiosas ou exóticas*
- *os que contenham alguma particularidade ou característica própria que os distingam dos demais”*

Estas indicações são semelhantes às de outros textos sobre o assunto. No entanto, estão também contempladas aqui obras publicadas pela própria UFF, por exemplo, que só neste contexto específico poderiam ser consideradas raras. Indicamos, finalmente, o texto sobre critérios que a Fundação Biblioteca Nacional lançou, durante o V Encontro Nacional de Acervo Raro, realizado em 2000, em Porto Alegre. Em um CD-ROM, juntaram-se o Catálogo coletivo do patrimônio bibliográfico nacional dos acervos inventariados dos séculos XV-XVI e os critérios de raridade adotados pela Divisão de Obras Raras daquela Biblioteca.

Todas estas obras servem de parâmetro para que outras instituições estabeleçam uma política de obras raras, que deve ser combinada com seus próprios critérios. Para o desenvolvimento desta política, deverão ser levados em conta também outros textos, tal como o livro **Rare book librarianship**, de Roderick Cave, o único existente sobre a matéria, ainda sem tradução para o português.

A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

Na Biblioteca Mário de Andrade foi tomada a decisão de se criar três níveis para identificação dos livros: um nível de obras raras, outro de obras especiais e o terceiro de obras comuns. Estas indicações foram a base para a separação dos acervos, na Seção de Obras Raras e Especiais, em dois espaços diferentes.

Para que se discutissem os critérios de raridade que iriam definir nossa política, a Secretaria Municipal de Cultura agendou, em 1992, reuniões entre os funcionários da Seção de Obras Raras e Especiais e a Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo; dessas reuniões participaram assessoras do Departamento de Bibliotecas Públicas e

bibliotecárias do Centro Cultural São Paulo e da Biblioteca Monteiro Lobato, que também possui uma coleção de obras raras.

Foram discutidos todos os aspectos intrínsecos e extrínsecos que determinam a raridade absoluta ou relativa de uma obra, tomando por base tanto as informações disponíveis sobre o tema, aqui analisadas, como o conhecimento da Prof. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo e a prática vivenciada pelos funcionários da Seção. Foram estabelecidos os seguintes critérios para definição de uma obra como sendo rara o especial, dentro da coleção da Biblioteca Mário de Andrade, e portanto passível de ser transferida para esta Seção:

Nível III:

Livros editados até antes de 1801, qualquer que seja o local de publicação;

Livros editados até antes de 1901 no Brasil, sobre o Brasil ou por autores brasileiros (da chamada “coleção brasileira”);

Livros editados até 1901 fora do Brasil, quando forem de literatura de viagem e primeiras edições de obras importantes ou em edições luxuosas;

Livros editados após 1901, em primeira edição, quando forem de editores renomados e de escritores modernistas ou de vanguarda; e

Livros artísticos ou de luxo, com tiragens limitadas e ilustrações originais.

Nível II:

Livros publicados fora do comércio, por órgãos governamentais ou devido às leis de incentivo fiscal, desde que tenham algum interesse histórico, artístico ou literário;

Livros raros reimpressos de forma fac-similar, que servirão de fonte de consulta, para preservação dos originais;

Livros, mesmo recentes, dos quais só existam poucas cópias

conhecidas, por qualquer motivo (destruição dos exemplares por desastre, acidente, perseguição moral ou política, etc.); e Livros publicados em formatos pouco usuais, especialmente aqueles com menos de dez centímetros de altura.

Nível I:

Livros comuns.

A prática vivenciada pelos funcionários da Seção mostrou também que, durante o trabalho de revisão de um acervo antigo, como é o caso da Biblioteca Mário de Andrade, são grandes as possibilidades de serem encontrados diversos tipos de obras catalogadas junto aos livros. Desta forma, selecionamos na Coleção Geral e incorporamos ao nosso acervo dezenas de manuscritos, tanto originais como cópias, escritos à mão ou datilografados, encadernados ou em folhas soltas. Encontramos também, entre outros materiais bibliográficos, álbuns de fotografias originais, números avulsos de periódicos, pastas de recorte de jornais e coleções de cartões-postais.

Conforme diz Ana Maria Camargo, “*vale lembrar que um acervo de obras raras comportaria, em princípio, os mais diferentes gêneros, formatos e suportes de informação. Os textos manuscritos não são, necessariamente, documentos de arquivo fora de seu domicílio legal, vivendo como intrusos em meio aos impressos.*”²³ Ao mesmo tempo, fazendo a necessária distinção entre bibliotecas e arquivos, ela alerta: “*ao documento de arquivo – em que pese seu caráter de exemplar único e original – não cabe nunca a qualidade de rara.*”

Deve ficar claro que o estabelecimento de critérios de raridade servem apenas como orientação geral e não como camisa-de-força a determinar rigidamente o procedimento a ser adotado em cada caso. Lembramos novamente as palavras de Rubens Borba de

Moraes, como um exemplo das dificuldades de definição da raridade de um exemplar:

*“o livro com dedicatória é uma coisa curiosa. A gente nunca sabe que destino a gente deve dar para livros com dedicatória. Se o livro é raro, evidentemente ele é raro em si e não pela dedicatória. Mas muitas vezes o livro não é raro, mas a dedicatória do autor é interessante. Então, nesse caso, convém guardar (...) porque se ele não é raro hoje em dia, ele será mais tarde”.*²⁴

O perfil do acervo da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade está caracterizado, desde sua formação, como um rico depósito de fontes bibliográficas principalmente no que se refere à história do Brasil e de Portugal, descrições de países e viagens, literatura brasileira, portuguesa e francesa e história do livro e da imprensa. Temos recebido tanto os livros raros antigos como algumas produções mais recentes destas áreas, como por exemplo uma primeira edição de Jorge Amado, um catálogo de exposições de obras raras ou mesmo um dos vários livros de correspondência de Mário de Andrade, como os que têm surgido nos últimos anos.

Vale destacar como exemplo de obras a serem também preservadas aqueles livros antigos que recentemente adquiriram importância especial para a Seção, como as primeiras publicações na área de biblioteconomia, principalmente os textos surgidos após o curso pioneiro criado por Rubens Borba de Moraes em nossa Biblioteca, na década de 1940. Da mesma forma, estão nesta coleção as obras de autoria de bibliófilos, como Félix Pacheco e Paulo Prado, ou de antigos diretores da Biblioteca Mário de Andrade, como Eurico de Góis, Rubens Borba e Sérgio Milliet, cujas antigas coleções privadas pertencem hoje a nosso acervo.

Temos também livros que complementam nossa coleção e nos auxiliam na compreensão

²³ CAMARGO, *Obra rara*, 1992. p.4.

²⁴ Entrevista de Rubens Borba de Moraes a Maria Regina Rodrigues, Chefe da Seção de Obras Raras e Especiais da BMA, em 1983.

do valor do acervo, tais como obras sobre encadernações raras e artísticas, fac-símiles de obras raras, catálogos de leilões, bibliografias de autores importantes e de assuntos de interesse e outros instrumentos de trabalho e pesquisa.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACRL Rare Books & Manuscripts Section. Standards for ethical conduct for rare book, manuscript. **College & Research Libraries News**, Chicago, v.54, n.4, p.207-217, April 1993.

ACRL Rare Books and Manuscripts Section's Security Committee. Guidelines for the security of rare book, manuscript, and other special collections. **College & Research Libraries News**, Chicago, v.60, n.4, p.741-748, April 1999.

ARCHER, H. Richard, ed. **Rare book collections**: some theoretical and practical suggestions for use by librarians and students. Chicago: ALA, 1965. 128 p.

BREILLAT, Pierre. **The rare books section in the library**. Paris: UNESCO, 1965. 38p.

BURGADA, Gaetano. **Libri rari**. Milano: Mondadori, 1937. 169 p.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Obras antigas, preciosas e raras: o livro como documento. In: SÃO PAULO. SIBi/USP. **Bibliotheca universitatis**: livros impressos dos séculos XV e XVI do acervo bibliográfico da Universidade de São Paulo. São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial, 2000. p. 21-28.

CARTER, John. **ABC for book collectors**. 6.ed. rev. and enl. by Nicholas Barker. New Castle, Delaware: Oak Knoll Books, 1992.

CAVE, Roderick. **Rare book librarianship**. 2.ed. rev. London: Clive Bingley, 1985. 162 p.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A trajetória do livro: do artesanal ao raro e precioso. In: ARTES do livro: catálogo de exposição. Rio de Janeiro: CCB, 1995. p.33-41.

DAHL, Svend. **Historia del libro**. Madrid: Alianza Editorial, 1990. 316 p.

DIRINGER, David. **The illuminated book**: its history and production. London, 1958.

DUNKIN, Paul Shaner. **How to catalog a rare book**. 2.ed rev. Chicago: American Library Association, 1973. 109 p.

ESDAILE, Arundell. **Esdaile's manual of bibliography** [ed. by] Roy Stokes. 5. rev. ed. Metuchen, N.J.: Scarecrow, 1981. 397 p.

ESCOLAR, Hipolito. **Historia del libro**. Nueva ed. corr. y ampl. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1988. 698 p.

FEATHER, John. The rare book librarian and bibliographical scholarship. **Journal of Librarianship**, v.14, n.1, p.30-44, Jan. 1982.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra**: introdução à bibliologia brasileira; a imagem gravada. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1994. 509 p. (Texto & Arte, 10)

_____. Para uma introdução ao estudo do produto bibliográfico. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, v.11, n.35, p.11-33, 1968.

FROES, Rosana Carla. **Obras raras no Brasil**: estudo dos critérios de raridade bibliográfica, tratamento técnico e preservação das coleções. Belo Horizonte: UFMG, 1995. 155 f. (Dissertação de Mestrado – Escola de Biblioteconomia/UFMG)

GAUS, Valéria. **Considerações sobre o uso do catálogo de obras raras na Biblioteca Nacional**: subsídios para viabilizar a automação do catálogo principal e otimizar o atendimento ao público local e a outras bibliotecas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. (Dissertação de Mestrado – IBICT/UFRJ)

GOFF, Frederick. **The delights of a rare book librarian**. Boston: Boston Public Libraries, 1975.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP; T. A. Queiroz, 1985. 693 p.

_____. Rare books in Latin American libraries. **IFLA Journal**, München, v.21, n.1, p.38-43, June 1995.

HARTHAN, John P. **The history of the illustrated book: the Western tradition**. New York: Thames & Hudson, 1981. 288 p.

HASSAN, Georges. **La bibliothèque du livre rare: livres de luxe; éditions originales modernes de 1870 à nos jours**. Paris: Issy-les-Moulineaux, 1947. 351 p.

HERKENHOFF, Paulo. Obras raras. In: _____. **Biblioteca Nacional: a história de uma coleção**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996. p.42-59.

HORCH, Rosemarie Erika. Bibliografia textual. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.11, n.3/4, p.147-154, jul./dez. 1978.

_____. O livro raro no Brasil. **Comunicação e Arte**, São Paulo, n.11, p.63-71, 1982.

JIMENEZ, Nancy. ABINIA's experience in preserving rare books in Latin America. **IFLA Journal**, München, v.21, n.3, p.195-197, Aug. 1995.

JOHNSON, Julie Greer. **The book in the Americas: the role of books and printing in the development of culture and society in colonial Latin America; catalogue of a exhibition**. Providence: The John Carter Brown Library, 1988. 142 p.

KATZENSTEIN, Ursula Ephra. **A origem do livro: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente**. São Paulo: HUCITEC, 1986. 455 p.

KOPPEL, Susanne, org. **Biblioteca brasiliense da Robert Bosch GmbH: catálogo**. Introd. do Prof. Dr. Hanno Beck; trad. da Dra. Rosemarie Erika Horch. Rio de Janeiro: Liv. Kosmos, 1992. 516 p.

LEONI, G. D. Os livros raros. **Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v.23, p.7-14, jan./dez. 1958.

LIEBERMAN, Ronald. What makes a rare book rare? A primer for the enthusiastic but hesitant librarian. **College & Undergraduate Libraries**, v.2, n.2, p. 139-145, 1995.

LUFT, Eric. Rare book catalogers and the internet. **Internet Reference Services Quarterly**, v.1, n.2, p.17-35, Summer 1996.

LUTZ, Cora Elizabeth. **Essays on manuscripts and rare books**. Hamden, Conn.: Archon Books, 1975.

MCCRANK, Lawrence J. **Education for rare book librarianship: a reexamination of trends and problems**. Urbana: University Of Illinois Press, 1980.

MANGEL, Alberto. A forma do livro. In: _____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 148-173.

MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. **As coleções de obras raras na biblioteca digital**. Brasília, DF: UnB, 1998. 93 f. (Dissertação de Mestrado – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados / UnB)

MARTINEZ, José Luis. **El libro en Hispanoamérica: origen y desarrollo**. 3.ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1987. 99 p.

MATHESON, William. Microcosm of the library: the rare book and special collections division. **Quarterly Journal of the Library of Congress**, Washington, v.34, n.3, p.227-248, July 1977.

- MINDLIN, José E. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo.** São Paulo: EDUSP/ Companhia das Letras, 1997. 231 p.
- MORAES, Rubens Borba Alves de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: Secr. Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979. 234p.
- MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. **História da tipografia no Brasil:** catálogo da exposição. São Paulo: MASP, 1979. 277 p.
- PECKHAN, Howard H. Rare book libraries and collections. **Library Trends**, v.5, n.4, p.417-500, Apr. 1957.
- PICKWOOD, Nicholas. Rare book conservation. In: RATCLIFFE, F. W. **Preservation policies and conservation in British libraries.** Wetherby: British Library, 1984.
- RATCLIFFE, F. W. Priorities and rare book acquisition. **Libri**, v.27, n.3, p.221-237, 1977.
- RAY, Gordon N. The world of rare books re-examined. **Yale University Library Gazette**, p.77-146, July 1974.
- REES-MOQQ, William. **How to buy rare books:** a practical guide to the antiquarian book market. London: Christie, Manson & Woods, 1985.
- RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional. **Acervo precioso:** catálogo da exposição. Rio de Janeiro: A Biblioteca, 1983. 48 p.
- _____. **O livro raro em seus diversos aspectos.** Rio de Janeiro: Div. de Publicações e Divulgação, 1972. 58 p.
- RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822;** com um breve estudo geral sobre a informação, meios de comunicação... 2.ed. São Paulo: IMESP, 1988.
- SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios da Biblioteca Mário de Andrade. **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v.54, p.231-252, jan./dez. 1996.
- _____. Obras raras em bibliotecas públicas: preservar ou divulgar? In: SÃO PAULO. Departamento de Bibliotecas Públicas. **Semana Nacional do Livro e da Biblioteca: IV Troca de Experiências.** São Paulo: SMC, 1995. p.25-27.
- SCHREYER, Alice D. **Rare books, 1983-84:** trends, collections, sources. New Providence, New Jersey: R. R. Bowker, 1985.
- SILVER, Joel. The Lilly Fellowship Program: training for rare book librarians. **Rare Books and Manuscripts Librarianship**, Chicago, v.5, n.1, p.33-38, 1990.
- SIMPSON, Julianne. Rare books on the Web. **Library Technology**, v.2, n.3, p.61-62, June 1997.
- SMET, Antoine de. **La réserve précieuse:** naissance d'un département de la Bibliothèque Royale. Bruxelles: Bibliothèque Albert I, 1961. 241 p.
- SNELLING, O. F. **Rare books and rarer people.** London: Werner Shaw, 1982.
- SNYDER, Henry L. Providing access to rare book and manuscripts collections and services in a time of change: the electronic revolution. **IFLA Journal**, München, v.22, n.2, p.115-120, May 1996.
- STALKER, Laura; DOOLEY, Jackie M. Descriptive cataloging and rare books. **Rare Books and Manuscripts Librarianship**, Chicago, v.7, n.1, p.7-23, 1992.
- TAYLOR, Archer. **Catalogues of rare books:** a chapter in bibliographical history. Lawrence: University of Kansas, 1958. 65 p.
- TUSA, Bobs M. An overview of applications of automation to special collections: rare books and art collections. **Information Technology and Libraries**, v.12, n.3, p.344-352, September 1993.

VOSPER, Robert. A rare book is a rare book.
In: THE LIBRARY in the university: the
University of Tennessee Library Lectures,
1949-1966; intr. by William H. Jesse.
Hamden, Connecticut: Shoestring Press,
1967. p.150-170.

ZEMPEL, Edward; VERKLER, Linda, eds.
First editions: a guide to identification.
Peoria, Ill.: The Spoon River Press, 1989.

Rizio Bruno Sant'Ana
Bibliotecário
Seção de Obras Raras e Especiais
Biblioteca Mário de Andrade
rziobruno@uol.com.br